

A FICÇÃO HISTÓRICA DEPOIS DE 2010: PRIMEIROS APONTAMENTOS

The Historical fiction after 2010: first findings

Marilene Weinhardt

UFPR/CNPq

Resumo: Apresentação dos resultados iniciais de projeto que visa o estudo da ficção histórica brasileira publicada no terceiro lustro do século XXI. O ponto de referência para comparação, visando detectar singularidades e diferenças, é a produção das três décadas anteriores, objeto de pesquisas já concluídas.

Palavras-chave: ficção histórica; ficção contemporânea.

Abstract: Initial results presentation of project that aims to study Brazilian historical fiction published from 2011 to 2015. The reference point for comparison, intending to detect singularities and differences, is the previous three decades production, which was the study object of already concluded researches.

Keywords: historical fiction, contemporary fiction.

Proposta

Este texto compreende passos iniciais da proposta de avaliar o significado e a expressividade da ficção histórica brasileira no panorama da ficção recentíssima. Apresenta critérios de seleção, levantamento dos títulos e primeiras intuições de leitura dos romances que ficcionalizam o passado histórico, lançados a partir de 2011. O ponto de referência para comparações de diferentes ordens, além obviamente de se ter em vista o conjunto da ficção narrativa do período, é a produção anterior nesse mesmo recorte, isto é, a ficção histórica, dividida em dois blocos determinados pela época de lançamento, a saber, a produção das duas últimas décadas do século XX e os títulos que datam da primeira década do século XXI. Em estudos anteriores, constatou-se que as marcas do primeiro conjunto são o revisionismo histórico e a ficcionalização da própria história literária (WEINHARDT, 2006a, 2006b, 2011a).¹ Na produção do novo século, verificou-se que se intensifica a revisitação da história literária (WEINHARDT, 2010; 2011b) e que se acrescenta outra tônica, que não pode ser qualificada como nova, uma vez que se trata de recurso presente ao longo da história do romance, mas nesse recorte apresenta-se com intensidade marcante e com efeitos que permitem perceber algumas características específicas e recorrentes. Trata-se do uso do

¹ A multiplicação de autorreferências decorre de se tratar de trabalho que se inscreve como continuidade em uma sequência de projetos em torno da mesma temática, variando o recorte temporal.

discurso de memórias como recurso ficcional. (WEINHARDT, 2012). O percurso realizado na investigação dos períodos anteriores emoldura o estudo ora iniciado. A experiência acumulada nessas leituras e reflexões permite um jogo de aproximações e singularizações que não seria possível sem esse histórico de pesquisa.

De partida, vale lembrar que, dentro das coordenadas em que se entende que um romance realiza ficcionalização do passado histórico, para além do que a teoria mais ortodoxa concebe como romance histórico, critério longamente discutido em trabalhos anteriores (WEINHARDT, 2011a 2011b), considerando ainda que a literatura é uma forma de conhecimento e, especialmente, considerando também que o exame do passado, individual ou coletivo, é um dos modos mais correntes, frequentado por várias áreas do saber, de promover o próprio conhecimento, este recorte – isto é, romances que ficcionalizam o passado histórico – faz sentido em qualquer época da história do romance. É verdade que em alguns períodos é mais frequentado do que em outros, por razões que, nos trabalhos desenvolvidos nas citadas investigações anteriores, têm surgido oportunidades de explanar, à luz da bibliografia específica e da observação da produção ficcional analisada.

Em segundo lugar, o contato com os lançamentos de ficção permite perceber que esse veio, que teve notável incremento nas duas últimas décadas do século passado e não perdeu o papel de uma das linhas de força no início deste, ainda dá mostras de vitalidade, haja vista a listagem contando com mais de três dezenas de títulos.

Fundamentos teóricos

Esta abordagem está circunscrita pelos limites do aporte teórico delineado em projetos sobre ficção histórica já desenvolvidos, mencionados no item anterior. A reflexão sobre narrativas literárias que dialogam com a história assenta sobre fundamentação que se desdobra em duas frentes de referências, a saber, aquela que reflete sobre a ordem de relações entre as duas áreas, em termos gerais, e aquela que teoriza especificamente sobre a ficção que dialoga intensamente com a história, cabendo-lhe ou não a denominação *romance histórico*.

O uso do advérbio “intensamente” no parágrafo acima tem em vista que, no limite, toda narrativa de ficção pode ser considerada na perspectiva de suas relações com a história. O traço distintivo aqui marcado é que a ficção histórica caracteriza-se por uma espécie particular de intertextualidade. É lugar comum, hoje, reconhecer a busca de originalidade como ilusória. Criar em literatura é estabelecer diálogos entre textos. Entretanto, generalidades, dado seu caráter definitivo, reduzem ao silêncio, frustrando nosso intento, como produtores e como leitores. É preciso encontrar brechas para dar sentido à produção de

novos conjuntos de palavras, outros textos. Buscar que espécies de textos se articulam a cada atualização, e com que resultados, constitui a tarefa do crítico. Daí a produtividade da noção de palimpsesto, buscada em Genette (1982). No caso da ficção narrativa que pode ser qualificada como histórica, o caráter intertextual é específico, definindo a condição inscrita no adjetivo. Nas camadas desse palimpsesto, algumas ou muitas comportam textos históricos, quando não os próprios documentos, na acepção ampliada que atualmente os estudos humanísticos lhe reconhecem. Neste ponto o uso da terminologia e dos conceitos do pensador francês mostra-se operacional, entendendo-se a narrativa ficcional histórica como um *hipertexto* que tem necessariamente a história como *hipotexto*. Aprender que tipos de textos históricos são chamados para o diálogo e como se dá o trânsito é papel da crítica. Vale a pena lembrar, ainda, que a abordagem que tem em vista a leitura atenta ao papel desempenhado pela história na economia narrativa pode ser um modo de ler. Ou seja, abordar um romance da perspectiva das suas relações com a história não é uma proposta de colar-lhe em definitivo a etiqueta do subgênero *romance histórico*, alocando-o em um nicho específico e permanente. A inscrição de uma obra em determinado conjunto não impede automaticamente sua inclusão em outros, decorrentes de outras formas de agenciamento. As possibilidades não são excludentes.

Na interação entre ficção e história, é preciso considerar a mudança no padrão dessas relações decorrente das teorias da história que sucederam a reviravolta cujo ponto de inflexão é representado pela História Nova. Noções encontradas na Nova História Cultural e na Micro-história, além de modos de entender a História cuja sugestividade mostra-se no complemento nominal – história das imaginações, história das ideias, história do cotidiano, história de longa duração – permitem a percepção de modos de interação da história com a ficção que não estavam em pauta antes das últimas décadas do século passado.

Quanto à forma literária propriamente dita, não se pode deixar de marcar, como ponto de partida, o título do húngaro G. Lukács, *O romance histórico*, datado de 1937, enfim contando com a tardia, mas nem por isso dispensável tradução em língua portuguesa, publicada em 2011. A este se agrega extenso aporte teórico, resultante do interesse na ficção histórica decorrente da intensa frequência dessa modalidade, verificada desde as derradeiras décadas do século passado.

É da convergência dessas linhas – teorias da história e reflexões sobre a ficção histórica – em cruzamentos que ocorrem em diversos sentidos, que resulta a operação de selecionar as obras ficcionais recentes e refletir sobre os modos de ficcionalização do passado histórico que praticam ou atualizam. A esse aporte teórico mesclaram-se mais duas vertentes

de operadores analíticos, em decorrência dos encaminhamentos permitidos pelos textos de criação. Mobilizaram-se conceitos recorrentes nos estudos culturais, tais como identidade e comunidade, e estudos sobre os modos de atuação e narrativização da memória.

Panorama prévio de inscrição

Nas últimas décadas do século XX, a ficcionalização da história foi presença com especial destaque na produção romanesca. No já referido estudo que visava levantamento dessa modalidade entre títulos brasileiros publicados entre os anos de 1981 e 2000, foram abordadas cerca de uma centena e meia de obras que podem ser acolhidas sob a rubrica *romance histórico*, acrescido do adjetivo *novo* em muitos casos. A contagem por ano permitiu detectar adensamento das publicações no final da década de 80 e altíssima incidência nos anos iniciais de 90. O critério adotado então e mantido nos subseqüentes, inclusive no trabalho em curso, é incluir na seleção obras que ficcionalizam o passado histórico, entendendo-se neste sentido de narrativa sobre acontecimentos que, de alguma forma, produziram alteração não apenas no cotidiano imediato, alcançando o modo de vida de uma comunidade, condição essa que deve estar perceptível na instância narrativa. As obras que fazem referência circunstancial ao tempo passado, sem que sua especificidade seja determinante para a trama, ou se esse passado não transcende o plano individual, não são contempladas. Vale acentuar, ainda, que os limites descritos não são determinados por procedimento de caráter judicativo, etapa que terá sua vez em estágio posterior.

Na pesquisa sobre o final do século passado, tentativa de dotar a leitura de um sentido que fosse além da listagem em si resultou no estabelecimento de conjuntos, definidos em função da temática das obras, construindo-se uma proposta de sistematização, sempre precária, mas organizar é o modo de conhecer qualquer universo. O resultado foi a instauração de onze categorias, algumas preenchidas por títulos que evidenciam concepções de história herdadas do século XIX, outras definidas por orientações mais recentes nos estudos históricos. (WEINHARDT, 2006a).

Para a abordagem da ficção histórica publicada na primeira década do novo século, projeto igualmente já referido, a primeira pergunta que se colocou foi se o trabalho seria de localizar as publicações do período e lê-las visando à anexação de cada título a uma das categorias já estabelecidas como consequência da produção do final do século XX. Se esse caminho viesse a se mostrar não apenas viável, mas suficiente, conduziria a duas hipóteses: a) o subgênero que tomou força nas derradeiras décadas do século passado continuou sem alteração; b) o surto de ficção histórica esgotou-se, ou pelo menos se encaminhava para a

exaustão. O resultado desse estudo não confirmou tais hipóteses, e sim revelou novos modos de expressão. Percebeu-se que, nas camadas desses palimpsestos, delineavam-se outros tipos de camadas sobrepostas, havia vestígios de outros discursos, era preciso detectar a profundidade da raspagem de cada camada e outros modos de superposição. (WEINHARDT, 2011b). Entre estes discursos, sobressaía com especial relevância o uso do discurso de memórias como recurso ficcional, tema que resultou em projeto específico (WEINHARDT, 2012. O ensaio final, sob o título “Filhos da geração de 60/70: herdeiros da memória”, ainda não está publicado).

É tendo em vista esse mapa, dentro das coordenadas descritas, que se intenta inscrever a produção posterior a 2010, buscando perceber se não se diferencia do território desenhado na primeira década do século, ou se constitui nova ilha no arquipélago já existente, ou mesmo se molda uma terra nova. Tal pretensão ainda não pode ser satisfeita no atual estágio, limitado a levantamento e primeira leitura. Por ora, mantendo a metáfora geográfica, é possível afirmar que a área tem dimensões de porte e variação topográfica considerável. Listagens por ano (2011 – 9 títulos; 2012 – 10 títulos; 2013 – 7 títulos; 2014 – 8 títulos), considerados os azares editoriais, evidenciam regularidade na distribuição ao longo do quadriênio, além de comprovar que a ficção histórica não esmoreceu, ainda que não tenha a mesma pujança do final do século findo. Ordenação cruzando assunto e modo de figuração da história permite vislumbrar alguns delineamentos.

Levantamento: produção nos limites rigorosos do subgênero

O primeiro traço a ressaltar é a revivescência do modelo lukacsiano. Nos exemplos mais expressivos dessa tendência, o dimensionamento aparece desde os títulos – *Rios de sangue* e *Cinzas do sul*, ambos de José Antônio Severo, lançados em 2012. A frequência de temática clássica reafirma-se no subtítulo, ou chamada de capa, presente nos dois volumes, evidenciando também a perspectiva histórica de longa duração – “100 anos de guerra no continente americano” – e o princípio de unidade que rege os dois títulos está no registro “volume 1” e “volume 2”, posicionado em destaque. O primeiro contém o período de 1762 a 1829 e o segundo alcança 1870, cobrindo portanto dois grandes conflitos bélicos que afetaram intensamente a região privilegiada na narração, a Guerra dos Farrapos e a Guerra do Paraguai. Em nota final, o autor, jornalista de profissão que já afiara a pena de romancista de ficção histórica com o título *Os senhores da guerra* (2000), trama centrada na revolução gaúcha de 1923, define os gêneros discursivos em que se equilibra, um pé na tradição oitocentista, outro na contemporaneidade: “este é um romance histórico com formato de livro-reportagem, uma

vez que os acontecimentos são verdadeiros, os personagens estavam naqueles lugares, naquelas datas e fizeram o que foi narrado.” (SEVERO, 2012a). A pesquisa, histórica e jornalística, recebe a chancela de bibliografia extensiva, apresentada em feição acadêmica, e ainda mapa da região, ajustado de um volume para o outro de acordo com os acontecimentos mais significativos em cada espaço. Finalmente, os itens paratextuais dos dois volumes incluem um item intitulado “Conflitos e personagens”, facilitando a localização do leitor no plano factual. O fio condutor é o percurso do General Osório, mas em mais de um milhar de páginas há espaço para figuras mais e menos conhecidas da história. Na produção rio-grandense, que representa parcela significativa no cenário nacional, a ficção histórica ocupa papel proeminente. Nesta longa narrativa, o leitor *habitué* dessa produção reencontra as personagens conhecidas, com o *plus* das informações sobre origens familiares e percurso vivido, completude permitida pela extensão temporal abrangida. A proposta de totalização determina que a cena abarque toda a região do Prata, faça incursões na política colonial e depois imperial praticada no Rio de Janeiro, tenha ecos dos demais países sul-americanos na fase dos movimentos independentistas, e ainda sinta os reflexos dos jogos de poder europeus. A posição de onisciência plena do narrador lhe permite não apenas dar conta dos fatos sob todos os ângulos, como analisá-los sociológica e politicamente. Nada fica na sombra.

Também não é preciso hesitar em alocar na estante dos romances históricos o título de estreia de Luiza Lobo como romancista, *Terras proibidas* (2011). O subtítulo – “A saga do café no Vale do Paraíba do Sul” – indica a perspectiva, a temática e o espaço. A formulação do título é explicada pouco além da metade da narração: “Só ao esgotar-se o ouro de extração mais fácil na província de Minas Gerais a coroa autorizou a ocupação das ‘Terras Proibidas’ da província do Rio de Janeiro, correspondendo às serras do Tinguá e do Mar.” (Lobo, 2011, p. 254). O livro é dedicado “à memória dos 147 escravos da fazenda Cachoeira Grande, pertencentes ao barão de Vassouras...” (p. 5). No entanto, descendente que é da classe senhoril, a voz narrativa, que se identifica já na abertura, intitulada “Epígrafes (à guisa de prefácio)” (p. 9), alterna o foco entre a senzala e a casa-grande. À bibliografia final acrescenta-se uma “Cronologia do romance” (p.491-494), que abrange de 1804 a 1889, sumariando os dados históricos. O plano narrativo não segue rigorosamente a cronologia, mas a percepção dos movimentos temporais é facilitada pela indicação de datas encimando blocos, bem como o trânsito da narração entre os diferentes extratos sociais fica claro na caracterização das personagens.

O esgotamento das atividades de mineração, em especial a busca por diamantes, é o assunto de um psicanalista e professor que se aventura pela primeira vez no discurso ficcional

e demonstra mão segura no uso do discurso narrativo. Trata-se de Alberto A. Reis, com o título *Em breve tudo será mistério e cinza* (2013). A narrativa inicia-se na França, em 1825, com a partida de um jovem casal em demanda das pedras preciosas brasileiras. A motivação para tão arriscado empreendimento, saberá o leitor mais tarde, constitui o fio policial e de mistério, referido no título, que aparece em romances históricos com relativa frequência. O acidentado percurso dos franceses em terras brasileiras, marcado por reviravoltas e encontros surpreendentes, determina o cruzamento eventual com algumas figuras históricas e o registro do cotidiano daqueles tempos naquelas paragens, com disputas de caráter individual e coletivo que culminam em lutas armadas, com a ação dos escravos e dos senhores, com a ousadia de aventureiros. Esses fios todos são tramados com segurança, ao longo de mais de 500 páginas, desenhando cenas inusitadas no cenário reconhecível para o estudioso da história e para o leitor de ficção histórica.

O universo da exploração das Minas Gerais, na verdade de seu declínio, processo iniciado ainda no último quartel do século XVIII, é o espaço-tempo da ambientação de *O barbeiro de Vila Rica* (2014), de Fuad G. Yazbeck, economista que dá a público seu segundo título na ficção histórica. O recurso usado para apresentar o percurso de Tiradentes e discutir o movimento libertário é centrar a ação ficcional em um admirador e acompanhante do alferes Joaquim José da Silva Xavier. Esse indivíduo, que antes de acompanhar o mestre exerceu funções de barbeiro em Vila Rica, nasceu no dia do terremoto em Lisboa (1º de novembro de 1755), que vitimou sua mãe na hora mesmo do parto, ficando o nascituro aos cuidados da parteira. Esta, que na tragédia perdeu o filho e todos os poucos bens materiais, empreende viagem para o Brasil, em demanda do marido. Essa mulher do povo é a narradora da “Primeira parte”. A “Segunda parte” aparece na voz memorialística do herói, preso como o mentor, enquanto um narrador da parte final, mais longa, retoma e explica o que já fora apresentado, com o conhecimento que lhe permite a terceira pessoa em posição onisciente. A intenção pedagógica é reforçada nas instâncias paratextuais. Há “Nota” inicial que discorre sobre a ficcionalização da história e sobre a importância da Inconfidência Mineira, “Posfácio” que dá conta do destino de cada réu, e Bibliografia com vários títulos.

O terremoto que assolou Lisboa também figura na abertura de outra narrativa, mas apenas como recurso para situar a época, sem influência no percurso das personagens ou no desenrolar da ação. Escritor experiente no exercício da ficção histórica, Sinval Medina dá conta, no volume *O cavaleiro da Terra de Ninguém* (2012), da “Vida e obra de Cristóvão Pereira de Abreu”, conforme registro do subtítulo, adotando discurso de crônica histórica. O “Prólogo”, que narra os últimos meses de vida do herói, e o “Finis. Pós-escrito”, contendo

comentários sobre passagens já narradas, inscrevem-se também no plano ficcional, fazem parte da instância narrativa. O relato, datado de 1802, portanto quase meio século depois do desaparecimento da personagem principal, cuja morte coincide com o ano do terremoto, é dirigido a “Vossa Mercê”, em atenção à demanda desse destinatário, “desejoso [...] de conhecer mais sobre o valoroso desbravador, cabo de guerra, tropeiro, negociante, fazendeiro, etc., impedindo assim que caia no olvido a figura do fundador da nossa capitania.” (MEDINA, 2012, p. 22) Com tal propósito, a narração só pode ser glorificadora, mas nem por isso a apresentação do herói furta-se a mostrar sua dimensão humana. As marcas temporais na voz narrativa ficam por conta de alguns arcaísmos lexicais.

No Brasil imperial, o papel de colonizadores é menos relevante. A cena da ficcionalização passa a ser ocupada por brasileiros de nascimento. Para narrar a trajetória do frustrado inventor da máquina de escrever, padre Francisco João de Azevedo, nascido e falecido na Paraíba (1814-1880), Miguel Sanches Neto, treinado em várias modalidades narrativas, apresenta, em *A máquina de madeira* (2012), o cenário da corte na época da Exposição Nacional. O Rio de Janeiro, com suas belezas e mazelas, não é pano de fundo exclusivo. O espaço paraibano, onde nasceu e viveu o inventor, e alguns olhares lançados para o exterior, bem como a contraposição do indivíduo engenhoso mas ingênuo ao experimentado no trato social e nos meandros financeiros, enriquecem a discussão sobre a formação da identidade nacional, com destaque para o antigo e irresolvido problema da falta de reconhecimento e de prestígio do labor que exige maior capacidade intelectual e inventiva.

O desajuste do ser com interesses intelectuais diferenciados é também explorado por Marco Lucchesi na sua segunda incursão no gênero romanesco, que leva o título *O bibliotecário do imperador* (2013). A trama acompanha as descobertas de um pesquisador que encontra, em livros antigos do acervo da Biblioteca Nacional, rastros da atuação do funcionário referido no título. O drama de Inácio Augusto Raposo, que o leva a morrer de forma não esclarecida – suicídio ou acidente? – eclode com a proclamação da República. Como preservar o material de D. Pedro, ocupação e paixão de anos de vida, depois da expulsão do imperador? A cena criada transita entre o plano atual, representado pelo relato do percurso das ações do pesquisador-narrador, que busca novas pistas, na tentativa de reconstruir a trajetória da personagem, e o plano passado, presentificado nas colagens de discursos da época e de material iconográfico, com a reprodução de *ex-libris* de obras constantes nos livros que compunham as estantes do imperador.

O Brasil deixou de ser colônia, mas não fechou as fronteiras. A presença de estrangeiros, de passagem ou que se fixam, rende observações e registros sobre a terra desde a

Carta da Descoberta, mas nem por isso se esgotam. Luiz Antonio de Assis Brasil, dono de uma produção intensa que dialoga com a história desde seus primeiros títulos, datados das três últimas décadas do século passado, no século XXI deu à luz a tetralogia *Visitantes ao Sul*. O quarto título dessa série, *Figura na sombra* (2012), narra a vida do cientista francês Aimé Bonplant, que acompanhara as acidentadas e famosas excursões de pesquisa do alemão Humboldt pelo Novo Mundo, para acabar seus dias transformado em Don Amado Bompland, proprietário e morador da Estância Santa Ana, em Corrientes, Argentina. É em um galpão dessa propriedade que ele recebe a visita de outro cientista, Robert Christian Avé-Lallament, a quem narra sua vida, procurando fazer um acerto de contas com o companheiro ausente. A arquitetura da narrativa é sólida. Setenta e três capítulos narrando o percurso de Bonplant de Aimé a Amado são entremeados por quatro “Entreatos”, que descrevem a situação do diálogo em que a personagem revisa a vida, cena que ocupa também o Prólogo e o Epílogo. Apesar do alto teor de aventuras vividas, o tom narrativo prima por discreta contenção. A imagem de “figura na sombra” projetada pelo cientista mais conhecido é efeito calculado com precisão, com cuidado especial na sugestão dos sentimentos que perpassam a relação entre os dois pesquisadores.

Deonísio da Silva, outro *habitué* da ficção histórica desde as últimas décadas do século passado, além do exercício em outros gêneros narrativos, também mira estrangeiros vindos para o Brasil, mas de outro tempo e em outra condição. O envio de tropas brasileiras se dá nos estertores da Segunda Guerra, mas seus reflexos se fazem sentir no país antes dessa participação direta, com o acolhimento de exilados políticos. Entre estes, Stefan Zweig talvez seja o nome de maior repercussão, seja pelo teor de seus textos, seja pela recepção destes na Europa, seja pelo mistério que cerca seu fim. Mas não é do alemão que se ocupa centralmente o romance, e sim da companheira e secretária, como indica a opção pela ordem dos nomes que aparecem no título, *Lotte & Zweig* (2012). A “Parte I” é apresentada na voz de Zweig, que registra as atividades corriqueiras, ao lado de Lotte, já morando em Petrópolis, reflete sobre o que foi sua vida e anuncia a disposição para tomar providências para a morte. Na “Parte II”, mais extensa, predomina, em terceira pessoa, a narração das atividades de organização alemã que espionava o casal Zweig até o trágico desfecho, encarecendo sua posição de inimigo do nacional-socialismo. Evidenciando a intenção de chamar a atenção para a permanência e atualidade do tema, o último capítulo é dedicado à notícia sobre a retomada do assunto por estudantes em 2000.

Levantamento: outros conjuntos

Os títulos comentados no item anterior podem ser acolhidos na rubrica “ficção histórica”, independente de especificações sobre particularidades do subgênero. Há teorias que só reconhecem a ficcionalização da história em romances cujo enredo se passa em tempos não vividos pelo autor. É bem verdade que a expressão “tempo passado” não tem o mesmo significado de “tempo histórico”. A noção de tempo histórico adotada nesta e em abordagens já realizadas foi explicado em outro item, sentido que não é determinado por circunstâncias de vida do autor ou das personagens, e sim pela apropriação desse tempo pretérito da parte dos estudos históricos propriamente ditos e pelo modo como é figurado na instância ficcional, marcando a vivência das personagens, condicionando a ação romanesca. A ficção que focaliza os efeitos da ditadura militar de meados dos anos 60 ao início dos 80 do século passado, tempo vivido por muitos dos escritores que agora o ficcionalizam, e também por leitores, teve expressões vigorosas na produção das últimas décadas e continua no presente. Os quatro títulos que a representam neste levantamento, apenas referidos a seguir, serão objeto de ensaio específico: *K: relato de uma busca* (2011), de Bernardo Kucinski; *Estive lá fora* (2012), de Ronaldo Correia de Brito; *Damas da noite* (2014), de Edgard Telles Ribeiro; *Tempos extremos* (2014), de Míriam Leitão.

Descendentes de figuras históricas atuantes na primeira metade do século passado empreenderam a tarefa de apresentar ficcionalmente seus antepassados. É o caso de escritor que já frequentou essa seara, Rodrigo Lacerda, que dá voz póstuma, à maneira do Brás Cubas machadiano, ao avô jornalista e político Carlos Lacerda, em *A República das abelhas* (2013). O cantor e compositor Paulo Sergio Valle se aventura na ficção para contar a história do Eurico Valle, ex-governador do Pará, escolhido para constar no título nome de dimensão nacional, mas o verbo garante o protagonismo do avô do autor: *O homem que venceu Getúlio Vargas* (2011. Negrito meu). Finalmente, a presença neste parágrafo de Chico Buarque é uma coincidência que vem a calhar, uma vez que reúne a condição dos dois outros autores, com produção consagrada no universo musical e já agora também como ficcionista. Em *O irmão alemão* (2014), o autor ficcionaliza o pai, o irmão que dá título ao romance, outro irmão e também a si mesmo. A sequência de gerações dá oportunidade para tratar do tempo da Segunda Guerra e da repressão política recente no Brasil.

O passado familiar e da comunidade foi objeto de atenção de escritores de longo ofício, como Domingos Pellegrini, com *Herança de Maria* (2011), e Wilson Bueno, com *Mano, a noite está velha* (2011). As perdas, a morte de seres queridos é exorcizada pela escrita. É também o caso de *Mil rosas roubadas* (2014), em que Silviano Santiago, sob o tênue disfarce de professor de história, diz de seu relacionamento de décadas com Zeca, o

produtor cultural Ezequiel Neves, falecido em 2010. À beira do leito de morte do outro, o sobrevivente resolve que a escrita da biografia do amigo será a forma de realizar o luto. O resultado é mais um romance de geração, a ação narrativa situada entre Minas e a cidade em que subsiste a efervescência e o charme da antiga corte. *Maria Batalhão: memórias póstumas de uma cafetina* (2012), do jornalista Dante Mendonça, registra a crônica do *bas fond* curitibano nos meados do século XX. A cidade, agora Blumenau, também é o tema de José Endoenças Martins, em *Legbas, Exus e Jararacumbah Blues*, mas neste o registro está distante da crônica, marcado pelas ousadias na arquitetura narrativa e na linguagem, presentes desde a produção anterior do autor, recursos que fizeram com que a crítica o qualificasse como pós-moderno. Os deslocamentos decorrentes da cultura diferenciada dos antepassados, tão distantes entre si como a japonesa e a judaica, mas comuns quanto aos desajustes produzidos nos descendentes, propiciam a produção de obras como *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato, e *Deserto* (2013), de Luís S. Krausz. A marca que perpassa todo este conjunto é o teor da dosagem de autoficção. A abordagem detalhada destes títulos, empreendida em outro momento, bem como dos citados no conjunto anterior e de alguns dos subsequentes, exigirá que se recorra a conceitos da autobiografia.

A experiência autobiográfica também é traço forte em dois títulos dados à luz no período selecionado, autoria do produtivo e promissor Michel Laub, *Diário da queda* (2011), e *A maçã envenenada* (2013). Mas há um diferencial que produziria estranheza se fosse incluído no conjunto anterior. Há apropriação do factual, mas não só os fatos são bastante recentes como também de alcance específico, talvez não transcendam o plano individual ou do grupo restrito. No atual estágio do exame, não é possível avaliar o grau em que afetam comunidade mais abrangente. Ficam na dependência de novas leituras.

Alberto Mussa aparece em levantamentos constantes dos projetos anteriores, sempre com títulos perturbadores quando se tem como horizonte operacional as teorias do romance histórico. A mescla dessa forma com o romance policial não é e inusitada. Inclusive já teve registro a propósito de romance comentado no item precedente. O singular, nos dois títulos do autor lançados no período, *O senhor do lado esquerdo* (2011) e *A primeira história do mundo* (2014), ambos ambientados no Rio de Janeiro, em 1913 e em 1567, respectivamente, é que nestas obras o fio narrativo policial não é recurso para ilustrar o plano histórico, e sim está no centro da trama, baseada em casos assassinatos registrados nos anais policiais, documentação essa esmiuçada com olhos de detetive.

Intertextualidade intensa com a história da literatura e ficcionalização da cena literária constituíram as marcas inovadoras da produção das últimas três décadas. A modalidade volta

a aparecer em um dos nomes que a registraram com mais regularidade. Em *Semíramis* (2014), Ana Miranda cria José de Alencar pelo discurso de uma admiradora. Um duplo de Jorge Luís Borges é o narrador criado pelo estreante Marcos Peres em *O evangelho segundo Hitler* ((2013). O objetivo desse narrador, já velho, morando na Alemanha, é matar o escritor argentino, cuja sombra se projetou sobre a vida do homônimo e a destruiu, julga ele. A apropriação da ficção borgeana é o motor do romance. Pode também ser alocado neste conjunto, à falta de espaço mais adequado e em vista do recurso narrativo do anúncio da descoberta indicada no título, o romance de Amando Avena, *O manuscrito secreto de Marx* (2011). Reflexão mais apurada poderá conduzi-lo a outro abrigo, mas não se pode excluir da produção histórica esta obra que é a inusitada ficcionalização da história da Economia. Cabe evocar ainda neste bloco o romance *Livro das horas* (2012), de Nélide Piñon. Nesse título que ressoa leituras pias, podemos ler a memória intimista da escritora, como também podemos ler a memória social do grupo de convívio, que no presente é o da cena cultural contemporânea e nas décadas passadas foi da militância política de resistência ao regime de força. No tempo da escrita, entre a narração do cotidiano partilhado com o cachorrinho de estimação e de eventuais encontros sociais, a confissão do gosto por *westerns*, a memória do convívio passado com pessoas da vida literária, muitas já falecidas, a narradora Nélide, que se identifica pelo prenome, refere a leitura de clássicos e comenta a experiência do duro exercício da escrita.

Finalmente, cabe referir um derradeiro conjunto. Nas últimas décadas, a ficcionalização de espaços no exterior teve presença discreta, mas crescente, criando expectativa. Na década em curso, esse tipo tem presença rarefeita. Apenas dois títulos asseguram a sobrevivência da categoria que situa a ação em tempo e espaço distantes. Em *Confissões da Condessa Beatriz de Dia* (2013), o autor Guido Viaro informa, em texto apresentado na primeira orelha do volume, que a condessa de fato existiu, “uma compositora medieval que viveu no sul da França”, mas os rastros são tênues, o que o faz produzir uma “falsa autobiografia”. *Arrabal e a noiva do capitão* (2014), de Marisa Ferrari, traz a clássica disputa entre irmãos, que se distanciam nas escolhas de vida, mas acabam acirrando a luta ao se apaixonarem pela mesma mulher, na Nápoles do século XVIII. Como um escolhe o teatro e o outro a carreita militar, há oportunidade para apresentar variado quadro da época, nos moldes da narrativa de aventuras, próprias para o entretenimento.

Conclusão provisória

Constatando-se que não houve falência da modalidade, o trato com o material evidencia, além da manutenção do interesse da parte de criadores e de leitores na ficção que

encena o passado, atenção maior ao indivíduo, a autorreflexividade tomando outra feição em relação ao modo como se apresentou nas décadas anteriores, aspecto que depende de exame e reflexão mais refinada.

No atual estágio da leitura, delineiam-se algumas constantes: experimentalismos mais radicais no plano formal já não constituem um desafio a enfrentar; não parece haver urgência de rupturas com modos de entender o passado que, se ainda não constituem tradição, já estão na pauta há algum tempo, seja da criação literária, seja dos estudos históricos; a experiência individual e do passado familiar ousam aparecer sem subterfúgios, e também sem idealização; é raro o registro de tom celebratório; figuras históricas sobre as quais há poucos e esgarçados dados biográficos, mas certamente representaram espécies de desvios do padrão em sua época, constituem atrativo particular. Enfim, as ausências mais óbvias: os grandes acontecimentos, a figuras históricas de primeira plana, a exacerbação da metaficcionalidade, para ficar em alguns dos traços frequentados com insistência nas décadas anteriores, não se mostram particularmente instigantes nos últimos anos.

Referências

- AVENA, Armando. *O Manuscrito secreto de Marx*. São Paulo: Casarão do Verbo, 2011.
- BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BUENO, Wilson. *Mano, a noite está velha*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Figura na sombra*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- BRITO, Ronaldo Correia de. *Estive lá fora*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FERRARI, Marisa. *Arrabal e a noiva do capitão*. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- KRAUSZ, Luís S. *Deserto*. São Paulo: Benvirá, 2013.
- KUCINSKI, Bernardo. *K – relato de uma busca*. [3 ed.] São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- LACERDA, Rodrigo. *A república das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LEITÃO, Míriam. *Tempos extremos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- LOBO, Luiza. *Terras proibidas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- LUCCHESI, Marco. *O bibliotecário do imperador*. São Paulo: Globo, 2013.
- LUKACS, Georges. *Le roman historique*. Paris: Payot, 1972. (Ed. brasileira: *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011)

- MARTINS, José Endoença. *Legbas, Exus e Jararacumbah Blues*. Blumenau: Nova Letra, 2012.
- MEDINA, Silval. *O Cavaleiro das Terras de Ninguém*. São Paulo: Prumo, 2012.
- MENDONÇA, Dante. *Maria Batalhão: memórias póstumas de uma cafetina*. Curitiba: Esplendor, 2012.
- MIRANDA, Ana. *Semíramis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MUSSA, Alberto. *O Senhor do lado esquerdo*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. *A primeira história do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- NAKASATO, Oscar. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.
- PELLEGRINI, Domingos. *Herança de Maria*. São Paulo: Leya, 2011.
- PERES, Marcos. *O evangelho segundo Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- PIÑON, Nélide. *Livro das horas*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- REIS, Alberto A. *Em breve tudo será mistério e cinza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- RIBEIRO, Edgard Telles. *Damas da noite*. Rio de Janeiro, Record, 2014.
- SANCHES NETO, Miguel. *A Máquina de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SEVERO, José Antônio. *Cinzas do sul*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- _____. *Rios de sangue*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SILVA, Deonísio da. *Lotte & Zweig*. São Paulo: Leya, 2012.
- VALLE, Paulo Sérgio. *O Homem que venceu Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.
- VIARO, Guido. *Confissões da Condessa Beatriz de Dia*. Curitiba: Ideale, 2013.
- WEINHARDT, Marilene. Ficção histórica contemporânea no Brasil: uma proposta de sistematização. In: Anais do VI Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre; PUCRS, 2006a. v. 1, p. 1-6 (CD-ROM)
- _____. A memória ficcionalizada em *Heranças e Leite derramado*: rastros, apagamentos e negociações. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 245-264, jun./dez. 2012.
- _____. O romance histórico na ficção brasileira recente. In: CORREA, Regina Helena M.A. (Org.) *Nem fruta nem flor*. Londrina: Humanidades, 2006b. p. 131-172
- _____. A biblioteca ilimitada ou uma babel ordenada: ficção crítica contemporânea. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 81-102, jan./jun. 2010.
- _____. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: _____ (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011a. p. 13-55.

_____. Outros palimpsestos: ficção e história 2001-2010. In: OURIQUE, JOÃO Luís Pereira; CUNHA, João Manuel Santos dos.; NEUMAN, Gerson Roberto (Org.). *Literatura: crítica comparada*. Pelotas: Ed. PREC/UFPEL, 2011b. p. 31-55

_____. Filhos da geração de 60/70: herdeiros da memória. (no prelo)

YAZBECK, Fuad G. *O barbeiro de Vila Rica*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Recebido em: 15 abr. 2015.

Aprovado em: 5 maio 2015.